

"PAUL RICOEUR E A NARRATIVA HISTÓRICA: LIMITES NO CAMPO CONCEPTUAL"

HÉLIO REBELLO CARDOSO JÚNIOR^a

RESUMO

O tema da narrativa histórica tem recebido muita atenção ultimamente. Várias correntes teóricas contemporâneas se de-frota a fim de fornecer sua contribuição ao aprofundamento do tema. Aqui, procura-se apresentar o posicionamento de Paul Ricoeur, no debate da narrativa histórica, como herdeiro do pensamento fenomenológico, e, com isso, identificar as vá-rias frentes teóricas nas quais concentram-se seus esforços.

PALAVRAS-CHAVE: *Paul Ricoeur-narrativa histórica-teoria da história-fenomenologia.*

A) Conceito de Narrativa em Geral

Pode-se dizer, a fim de tomarmos apoio em solo reco-nhecido, que a **Poética** de Aristóteles fornece a noção para-digmática, para a filosofia, do que seja uma narrativa. Prin-cipalmente, no que toca à caracterização da tragédia, a arte mimética mais bem definida no texto aristotélico. A tragé-dia precisa dispor das seguintes qualidades: "totalidade", "completude" e "extensão apropriada" (Aristote, 1944, 1950b 22 - 1451a 14). Estes três elementos dizem respei-to à tragédia enquanto representação de uma ação. A tota-lidade significa que a ação representada possui unidade, quer dizer, ela se explica em decorrência de seus próprios elementos e não através de quaisquer recursos externos. Pa-ra que tal efeito seja logrado, portanto, a representação não pode ser desconexa, pois toda ação possui "princípio", "meio" e "fim", isto é, completude. Por fim, ambos os ele-mentos anteriores precisam somar-se à extensão, pois uma ação dramática precisa apresentar uma relação temporal que possa ser comportada pela memória. Quanto a este último ponto, então, a **Poética** afirma que o limite de uma tragédia pode ser dado apropriadamente pelo que expressa a veros-similhança e a necessidade nas ações, isto é, a reviravolta da felicidade para a infelicidade, ou vice-versa.

Mas, o instrumento para lograr-se este conjunto de efeitos advém da concordância narrativa conseguida por in-termeio da "composição de intrigas", denominação dada por Ricoeur que envolve os 'muthos' aristotélico, ou seja, a trama dos fatos que imita a ação da vida (Aristote, 1944, 1450a 16 - 1450b 3). Quer dizer, os três elementos acima definidos são função da narrativa, na medida em que esta proporciona a conjunção lógica entre eles.

Contudo, a lógica de um texto não é suficiente; a in-triga precisa estender-se além da ordem lógica da narrativa. É necessário, ainda, que a intriga esteja embebida pelo mun-

do da práxis, isto é, deve-se fazer reconhecer, na narrativa, a ação de homens concretos. O espectador é afetado e se emociona ao assistir a uma tragédia porque, na lógica do texto, ele encontra o inesperado, que faz parte da experiên-cia vivida. Somente através desse elemento que representa a ação (mimesis) é que o espectador atinge o reconheci-mento de que a representação refere-se ao mundo ético ou polí-tico (Aristote, 1944, 1454b 19 - 1455a 21). Em outras palavras, a narrativa representa a lógica das ações humanas e ainda produz o efeito de imitação de ações verdadeiras. Ou, ainda, destacando a questão cognitiva aí embutida, diz-se que a associação entre o inesperado da ação e reconheci-mento, ou seja, a combinação entre o apelo emotivo e a in-teligibilidade, permite conhecer o universal que há em uma ação.

Vê-se, pois que, lançando mão da noção de intriga, Ricoeur consegue tornar contíguas duas funções da narrati-va cuja relação, na **Poética**, aparece difusa. A primeira é a função lógica que ordena os episódios. A segunda é a de ins-taurar o concordante no discordante, o que plasma a expe-riência do tempo vivido, permitindo o reconhecimento da ação.

Citemos Ricoeur a fim de esclarecer nossas afirmati-vas: "Com a narrativa, a inovação semântica consiste na in-venção de uma intriga que (...) é uma obra de síntese: em virtude da intriga, os fins, as causas, os acasos, são reunidos sob a unidade temporal de uma ação total e completa" (Ricoeur, 1983, 11).

Esta definição apresenta, de forma condensada, o campo conceitual articulado anteriormente. Porém, apre-senta-o sem as arestas de seus encaixes. E, uma vez que se observou como Ricoeur religa os principais elementos da **Poética** através da noção de narrativa, vejamos como os lí-mites no seu campo conceitual se mostram com muito mais

a - Departamento de História/CCH - Universidade Estadual de Londrina

clareza quando ele deriva seu pensamento acerca da narrativa em geral para a narrativa histórica.

B) Conceito de Narrativa Histórica

Ricoeur procura avaliar o estado em que se encontra a narrativa histórica, observando o que se diz a seu respeito na teoria da história e os produtos da historiografia recente (Ricoeur, 1983, p. 247-250). Constata-se, no geral, um corte epistemológico entre o conhecimento histórico ou história-ciência e a competência de se contar uma história. E isto, em três níveis:

- a) ao nível dos procedimentos explicativos, a trama da narrativa está separada do processo explicativo;
- b) ao nível do objeto, ocorre a autonomização das entidades: os personagens são sujeitos anônimos (nações, classes sociais, sociedades, civilizações, mentalidades);
- c) ao nível do tempo histórico, a temporalidade parece desligada da memória dos agentes individuais; sua estrutura é adequada apenas às entidades que a história-ciência põe em jogo, isto é, na historiografia, em geral, o tempo é contrário ao tempo da ação.

Estes três níveis de ruptura, portanto, tornam manifesta a necessidade de reatar conhecimento histórico e narrativa. Porém, este retorno da história ao registro narrativo não se daria diretamente, pois, então, o conhecimento seria totalmente assimilado pelo aspecto estético-narrativo, tornando a história simplesmente um gênero de 'story' como desejam alguns proponentes da filosofia analítica de língua inglesa (Gallie, 1964, p. 66).

Assim, a religação entre história e narrativa teria de se dar indiretamente por intermédio da noção de "intencionalidade histórica". A intencionalidade histórica é uma qualidade poética, isto é, onde reside a gênese do sentido ou, em termos comuns, a intencionalidade histórica é o que faz histórica a história.

Segundo Ricoeur, a intencionalidade teria o mérito de rearticular os termos do corte epistemológico, ao nível dos procedimentos explicativos, ao nível do objeto e ao nível da temporalidade histórica.

Percebe-se, por conseguinte, a trama conceitual de Ricoeur. O conhecimento histórico abre-se à narrativa, também histórica, uma vez que os elementos da narrativa em geral lhe são imiscuídos através da intencionalidade, nível de historicidade que se encontra nas ações. Na verdade, tal integração se daria de forma natural, pois Ricoeur encontra nas ações da vida humana a convivência entre a historicidade e a narrativa.

C) Encruzilhada Epistemológica: noção de "intriga"

Segundo o papel atribuído por Ricoeur à narrativa, colocam-se dois objetivos do ponto de vista epistemológico. Um objetivo de ordem geral que consiste em religar a explicação elaborada pela história à compreensão que resulta da familiaridade fundante com a prática linguística, isto é, a

narrativa. Por outro lado, destaca-se um objetivo de ordem específica que diz respeito à narrativa histórica. Com efeito, o marco da narrativa aristotélica permite que se fale de uma 'imaginação produtiva', correspondente à esquematização da 'significação inteligível', por oposição a uma racionalidade transcendental-legisladora ou empírico-descritiva que comandaria a narrativa histórica a partir de elementos que lhe fossem exteriores, o que, do ponto de vista de Ricoeur, significa a separação entre conhecimento histórico e narrativa ou o monitoramento desta última por elementos não propriamente históricos. Estado de coisas que Ricoeur rejeita.

Mas, enfim, qual seria exatamente o elemento que cumpriria ambos os objetivos epistemológicos, propiciando a junção efetiva entre o conhecimento histórico e a narrativa?

Ora, tal elemento é a composição de intrigas.

A intriga visa restituir a experiência do tempo vivido. Ela conjuga um componente narrativo, que organiza e torna inteligível a experiência do tempo, e um componente histórico, pois ela apresenta imediatamente a maneira pela qual os homens vivem essa experiência historicamente. Contudo, esta ambivalência da noção de intriga não implica na redução à identidade de um termo à outro.

A conjunção não-identitária entre narrativa e historicidade, do ponto de vista do conhecimento histórico, impede que a realidade descrita seja tomada como uma realidade acessível à descrição direta, isto é, como se fosse um dado recebido e apresentado por uma racionalidade meramente empírico-descritiva. Por outro lado, a mesma conjunção, do ponto de vista da narrativa, impede que a realidade histórica seja tomada como uma realidade além de toda a possibilidade de descrição, isto é, como se fosse apenas apreendida por uma racionalidade transcendental-legisladora.

A questão, para Ricoeur, portanto, é a da definição de um local onde a conjunção possa se dar, sem os entraves oferecidos por ambas as racionalidades mencionadas seja ao conhecimento histórico seja à narrativa. Este ponto de encontro, representado pela intriga, engendra-se na, já definida, intencionalidade histórica. Ora, a intencionalidade histórica configura, então, uma instância fenomenológica, onde a historicidade é encontrada em um nível pré-cognitivo, e, portanto, contíguo à simples narrativa, a qual, por sua vez, pode ser encontrada em um nível não meramente descritivo, isto é, exatamente onde se concentra a historicidade.

A simples possibilidade de junção entre conhecimento histórico e narrativa permite aduzir algumas consequências quanto a este intento:

a) "contar já é explicar", isto é, se toda narrativa consegue estabelecer a conexão causal entre os episódios narrados, então, já existe uma vitória sobre a especulação sobre o sentido ou primeiro-motor da história;

b) "a diversificação e hierarquização dos modelos explicativos são comparáveis à diversificação e hierarquização das fontes explicativas da narrativa" (Ricoeur, 1983, p. 251-252).

A solução final para a ligação narrativa-história provém de uma certa filosofia genético-fenomenológica. Deve-

se procurar a intencionalidade histórica que “faz a qualidade histórica da história e a preserva de se dissolver nos saberes aos quais a história se junta por seu casamento, via razão, com a economia, a geografia, a demografia, a etnologia, a sociologia das mentalidades e das ideologias”. (Ricoeur, 1983, p. 253). Preservando-a dessa dissolução, que

dilui sua própria identidade, a história pode, então, dissolver-se narrativamente, encontrando um lugar que lhe é próprio. Com efeito, essa investigação em busca da intencionalidade histórica encontraria um mundo da ação já configurado por uma atividade narrativa, anterior, quanto ao sentido, à história-ciência.

ABSTRACT

Historical narrative as a subject has caught widespread attention lately. Several contemporary theoretical trends make their best in order to supply an original contribution. Here, the intention has been to present the position of Paul Ricoeur, within historical narrative controversy, as the heir of phenomenological thought, by drawing up the theoretical fronts where his efforts were joined.

KEY-WORDS: *Paul Ricoeur-historical narrative-theory of history-phenomenology.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ARISTOTE, *Art Rhétorique et Art Poétique*, Paris: Garnier, 1944, éd. grécque-français.
- 2 - GALLIE, W.B., *Philosophy and Historical Understanding*, New York: Schocken Books, 1964.
- 3 - RICOEUR, P., *Tempo et Récit*, V1, Paris: Seuil, 1983. 3v.

Recebido para publicação em 01/04/1991